

A biblioteca como representação metafórica da intelectualidade latino-americana

Gislene Teixeira Coelho¹

RESUMO: Este trabalho utiliza o conto *A biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges, para desenvolver uma reflexão sobre o conceito de arquivo, de modo a tomar a biblioteca como metáfora do intelectual latino-americano, que constrói pela leitura uma grande rede textual de diálogos entre autores e tradições diversas. Esta leitura pensa o arquivo como categoria sempre incompleta, fragmentada, aberta e em relação, destacando as tensões entre a memória e o esquecimento, o visível e o invisível, a conservação e a destruição.

Palavras-chave: Arquivo; Biblioteca; Intelectual Latino-americano.

A biblioteca adquiriu um grande significado para a crítica literária contemporânea, de modo que se presencia uma grande preocupação em preservar as bibliotecas particulares como fonte de estudos e pesquisas. Desde as últimas décadas do século XX, pode se constatar a criação de diversos acervos literários, que agregam diversos documentos ligados à atuação dos escritores como produtores de trabalhos literários e críticos, possibilitando resgatar um instigante círculo de amizades e diálogos literários. A biblioteca dos escritores permite o acesso a arquivos pessoais e inéditos, abrindo espaço, portanto, a trabalhos originais que se aventurem a escavar o vasto espaço da memória.

A biblioteca representa um grande arquivo, no qual encontramos traços de toda uma vida que permitem retomar o processo de formação e criação de um escritor. Nesse sentido, as obras literárias de determinado autor mantêm um diálogo constante com sua biblioteca, que simbolicamente representaria toda sua tradição literária. Pensar a categoria escritor-leitor implica em afirmar que a voz do autor seja atravessada por outras inúmeras vozes, esboçando um ambiente polifônico em que as vozes se misturam, se contaminam. Esse processo dialógico constrói uma enorme rede de vozes simultâneas, razão pela qual evitamos aqui o uso da palavra influências que pode remeter a uma idéia de sucessão e superação. O pensamento em rede constrói-se pelo diálogo de vozes distintas e concomitantes, paradoxo que se justifica pelo fato de a rede se formar também por meio de desacordos e conflitos.

A experiência da leitura torna-se indissociável da experiência da escrita, relação simbiótica que problematiza o entendimento do autor como o dono do discurso, como voz hegemônica e dominante. Assim, o autor passa a representar apenas uma das múltiplas vozes

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora

que formam o texto. A obra, desse modo, não se constrói somente a partir do pensamento de um autor cujo nome consta na capa do livro, mas pela formação de elos discursivos.

Foucault, em seu ensaio *O a priori histórico e o arquivo*, questiona a noção de verdade e univocidade discursiva através da substituição da noção de origem pelo ambíguo termo *a priori histórico*, que atribui à prática discursiva o caráter histórico, visto aqui como um movimento de simultaneidades e cruzamentos. Vale lembrar que o conceito de história que o teórico recupera nesse seu trabalho não pressupõe um encadeamento ordenado e sucessivo dos acontecimentos, cuja progressão implicaria em superações e descontinuidades. Nas palavras de Foucault:

Justapostas, as duas palavras [*a priori histórico*] provocam um efeito um pouco gritante; quero designar um *a priori* que não seria condição de validade para juízos, mas condição de realidade para enunciados. Não se trata de reencontrar o que poderia tornar legítima uma assertiva, mas isolar as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem. (...) em suma, tem que dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho.” (FOUCAULT, 2004, p. 146)

O teórico discorre sobre a formação da discursividade como resultado de uma longa trajetória de leituras e aprendizagens, atividade que envolve a circulação de conceitos, saberes e textualidades de sujeitos diversos. Nesse processo, podem ocorrer movimentos de continuidades, discordâncias e substituições, de modo que, nessa complexa rede discursiva, os sujeitos em diálogo se encontram, se embatem, se negam e se afirmam. Desse modo, a discursividade resulta da confluência dos discursos, da heterogeneidade, trânsitos que formariam o que anteriormente denominamos pensamento em rede. Esse conceito equivale à expressão foucaultiana “positividade de um discurso”, que pode corroborar as nossas reflexões sobre as formações dos elos discursivos. Segundo Foucault:

As diferentes obras, os livros dispersos, toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva – e tantos autores que se conhecem e se ignoram, se criticam, se invalidam uns aos outros, se plagiam, se reencontram sem saber e entrecruzam obstinadamente seus discursos singulares em uma trama que não dominam, cujo todo não percebem e cuja amplitude medem mais – todas essas figuras e individualidades diversas não comunicam apenas pelo encadeamento lógico das proposições que eles apresentam, nem pela recorrência dos temas, nem pela pertinência de uma significação transmitida, esquecida, redescoberta; comunicam pela forma de positividade de seus discursos. Ou, mais exatamente a forma de positividade (e as condições de exercício da função enunciativa) define um campo em que, eventualmente, podem ser desenvolvidas identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos. Assim, a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um *a priori histórico*. (FOUCAULT, 2004, p. 145-6)

O conceito de positividade descentralizada a posição do sujeito autoral como a origem do discurso e questiona a homogeneidade e a unicidade discursivas. A positividade implica uma rede discursiva em que teorias e idéias podem ser retomadas e transformadas, de modo que uma obra tangerá outras obras, a qual, por sua vez, estenderá sua influência a outros escritores. Destarte, uma obra está em constante movimento, gerando diferenças em relação àquelas que a precedeu. Pensar, portanto, em um momento original torna-se inviável dado o trânsito entre obras e autores que engendra uma situação de contaminação dos discursos.

Quando propusemos pensar o intelectual latino-americano a partir de sua biblioteca, sugerimos a idéia de que esse escritor esteja imbricado em uma enorme rede discursiva, de modo que exhibirá uma infinita cadeia de diálogos intertextuais. Os livros de uma biblioteca são reunidos a partir de escolhas pessoais, de modo que exibem uma articulação de pensamentos, estando, pois, conectados a uma grande e complexa produção discursiva.

Na biblioteca, os autores, os temas, os conceitos fazem parte de uma infinita trama, que oferece ao pesquisador a possibilidade de adentrar caminhos ainda inimagináveis. A biblioteca funciona, assim, como um arquivo infundável, oferecendo ao pesquisador inúmeras entradas e saídas, como um grande labirinto, onde tudo está ligado, onde os caminhos sempre se cruzam, mas nunca são os mesmos. Essa imagem labiríntica da biblioteca é desenvolvida no conto *A biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges, em que o escritor argentino estabelece a analogia entre a biblioteca e o universo.

O universo (que outros chamam a Biblioteca) constitui-se de um número indefinido, e quiçá infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por varandas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêem-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. (BORGES, 1970, p. 61-62)

Borges expressa no excerto acima a imagem da biblioteca como um ambiente infinito, cuja grandiosidade permitiria conseguir abarcar o mundo. Nesse sentido a *Biblioteca*, escrita com maiúscula por Borges, ganha o status de sagrado, pois seu acesso poderia significar atingir todo o conhecimento concentrado nesse ambiente. Esse ambiente personifica a utopia de dominação de todos os saberes, de sorte que sua figura seria análoga a de Deus, como vemos em: “(...) o universo, com sua elegante dotação de prateleiras, de tomos enigmáticos, de escadas infatigáveis para o viajante e de latrinas para o bibliotecário sentado somente pode ser criação de um deus.” (BORGES, 1970, p. 63). A biblioteca, portanto, representa um grande tesouro e, como representante de todo o universo, congregaria todas as respostas. No

conto, os homens, ao saberem do valor inestimável da biblioteca, expressaram uma enorme esperança diante dos promissores hexágonos:

Quando se proclamou que a Biblioteca abarcava todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade. Todos os homens sentiram-se proprietários de um tesouro intacto e secreto. Não havia problema pessoal ou mundial cuja eloqüente solução não existisse: nalgum hexágono. O universo estava justificado, o universo usurpou bruscamente as dimensões ilimitadas da esperança. (BORGES, 1970, p. 65)

No entanto, observe que Borges associa a esse tesouro os adjetivos intacto e secreto, pois se, por um lado, a biblioteca é perfeita, por outro, o homem seria “o bibliotecário imperfeito” (BORGES, 1970, p. 63). Em outras palavras, a biblioteca conserva um eterno enigma que jamais poderia ser dominado e desvendado pelo homem, sendo simultaneamente acessível e inacessível, iluminada e secreta.

A distinção gráfica entre Biblioteca e biblioteca levanta uma importante discussão para este trabalho. Borges associa à Biblioteca a imagem do absoluto, da verdade, da completude, cuja construção somente existe como representação de um desejo, como um espaço ideal que congregaria todos as outras bibliotecas. Ao lado disso, a biblioteca aparece sempre como incompleta e insuficiente, como uma pequena parte da Biblioteca/Universo. No entanto, há uma interdependência entre o todo e a parte, que assegura uma relação de complementaridade e que, conseqüentemente, nos instiga a sempre buscar pelo elemento faltante e nos dá a esperança de poder encontrá-lo em algum hexágono de alguma biblioteca desse universo.

Cada biblioteca carrega uma história única de vida, que se constrói ao longo de um exercício de dedicação e amor pela escrita do outro, incorporando obras e autores que completam e singularizam o acervo. É o caso das bibliotecas particulares que acompanham diferentes trajetórias de vida, de modo que sua importância não pode ser contabilizada pelo tamanho do acervo, mas pela vida que flui dentro dela. Independente de sua grandiosidade, as bibliotecas são sempre infinitas e insubstituíveis.

1. A biblioteca como arquivo

Há uma espécie de interdependência entre a biblioteca e seus leitores, os quais lhe atribuem movimento, agregando novas leituras e novas possibilidades de diálogos. Essa relação é uma relação bastante benéfica, em que se observa um crescimento recíproco. O

leitor, ao mesmo tempo em que se alimenta do conhecimento da biblioteca, aproveitando aqui o caráter antropofágico do termo, ele lhe dá vida, fazendo a biblioteca crescer e perpetuar. A biblioteca sem seus leitores configura um lugar estático, um amontoado de livros em estantes empoeiradas, é o usuário que aciona cruzamentos possíveis entre os livros, que faz circular seu conhecimento, que dá sentido ao conjunto caótico de livros.

A biblioteca simboliza o lugar do saber, um grande arquivo que pode ser utilizado como fonte de pesquisa e de produção de conhecimento. No mesmo espaço, estão reunidas diferentes áreas do conhecimento, diferentes línguas e diferentes teorias, o que nos remete ao princípio arquivístico denominado por Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* como o princípio de consignação, o qual “tende a coordenar um único *corpus* em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal.” (DERRIDA, 2001, p. 14). Esse princípio remete a um instigante paradoxo característico da organização dos arquivos que oscila entre a ordem e o caos, a unidade e a heterogeneidade. No caso da biblioteca, sua ordenação através de galerias, andares, estantes é apenas aparente, ocultando “a natureza informe e caótica de quase todos os livros” (BORGES, 1970, p. 63) Contudo, é a possibilidade de constituir alguma ordem, algum significado, que orienta e instiga o trabalho do arquivista/bibliotecário, pois sua ordenação significaria a saída do labirinto e o conseqüente domínio de um conhecimento infinito, esperança expressa no excerto abaixo: “Se um viajor a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem) Minha solidão alegra-se com essa elegante esperança.” (BORGES, 1970, p. 70)

A etimologia da palavra arquivo corrobora a uma reflexão sobre o arquivo como lugar de consignação e de legitimação. Segundo Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, duas palavras de origem grega podem ser destacadas para uma melhor compreensão de arquivo: *arkhê*, que significa ao mesmo tempo “começo e comando”, e *arkheion*, designando “uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os *arcontes*, aqueles que comandavam”. Tendo em vista essas diferentes acepções, podemos entender a palavra, de acordo com o filósofo, a partir dos sentidos topológicos e nomológicos, que designam, respectivamente, o lugar e o suporte, a lei e a autoridade. Nesse lugar, depositavam-se os documentos oficiais sob a vigilância dos arcontes, responsáveis pela conservação e pela interpretação de tais arquivos. Nas palavras de Derrida:

Depositados sob a guarda dos arcontes, estes documentos diziam, de fato, a lei: eles evocavam a lei e convocavam à lei. Para serem assim guardados, na jurisdição desse *dizer a lei* eram necessários ao mesmo tempo um guardião e uma localização. Mesmo em sua guarda ou em sua tradição hermenêutica, os arquivos não podiam prescindir de suporte nem de residência. (DERRIDA, 2001, p. 13)

Os arcontes, apoiados nos arquivos, representam o discurso da autoridade e do poder e sua figura desperta respeito entre os cidadãos. Como autoridade hermenêutica, são eles que agregam sentido aos arquivos e asseguram a sobrevivência de tais documentos.

O pesquisador desempenha importantes funções junto ao arquivo, cujo manuseio performatiza as ações de conservação e de renovação simultaneamente. O pesquisador suaviza o caráter monumental dos documentos e os atualiza, transformando o arquivo em um corpo vivo e flexível. Ciente das discontinuidades, das lacunas e dos vazios, ele se envolve em um exercício de contínuas buscas, daí a possibilidade de estabelecer a analogia entre o trabalho do arquivista e do arqueólogo. O arquivista abandona a superfície textual dos documentos para atingir camadas mais profundas, trazendo à tona outros discursos que, quando confrontados, formam um complexo sistema de discursividade. Em *O a priori histórico e o arquivo*, o termo arqueologia é assim descrito:

Esse termo [arqueologia] não incita à busca de nenhum começo; não associa a análise a nenhuma exploração ou sondagem geológica. Ele designa o tema geral de uma descrição que interroga o já-dito no nível de sua existência: da função enunciativa que nele se exerce, da formação discursiva a que pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo. (FOUCAULT, 2004, p. 151)

A arqueologia não se associa à noção de profundidade como o resgate de um momento original, como o começo absoluto, onde toda a verdade e todas as respostas podem ser encontradas e reveladas. Seu trabalho visa, ao contrário, confrontar as formações discursivas centradas nos ideais de totalidade e de veracidade, expondo seus interditos, suas lacunas e suas rupturas. O registro mnemônico é sempre fragmentado e parcial, porém, outras textualidades podem auxiliar no preenchimento de seus vazios. O conceito de arquivo sugere, portanto, uma formação heterogênea de elementos em relação, de sorte que o enclausuramento dos arquivos em museus e acervos particulares só tende a enfraquecê-los e fragmentá-los ainda mais. O arquivo se constrói por meio de uma rede de textualidades infinitas, assim, há sempre arquivos dentro de arquivos, todos inseridos em um movimento histórico de continuidades e discontinuidades que gera lembranças e esquecimentos.

No ensaio, Foucault apresenta uma longa discussão acerca do entendimento de arquivo e o coloca em posição análoga à formação dos sistemas de enunciados. O conceito

não implica a cristalização do passado, como se o arquivo fosse simplesmente uma chave de acesso a esse momento. O arquivo não segue um curso linear e contínuo, ele sofre intervenções que formam uma rede de relações com outros textos, outras subjetividades, outros tempos.

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas. O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o *sistema de sua enunciabilidade*. O arquivo não é, tampouco, o que recolhe a poeira dos enunciados que novamente se tornaram inertes e permite o milagre eventual de sua ressurreição; é o que define o modo de atualidade do enunciado-coisa; é o *sistema de seu funcionamento*. Longe de ser o que unifica tudo que foi dito no grande murmúrio confuso de um discurso, longe de ser apenas o que nos assegura a existência no meio do discurso mantido, é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria. (FOUCAULT, 2004, p. 149)

Foucault analisa o arquivo como um sistema de discursos múltiplos e móveis, de modo que nenhum enunciado se mantém congelado no tempo para surgir intacto e total no futuro. É como se as diversas camadas enunciativas estivessem sempre em contato, impossibilitando o surgimento de um discurso único, puro e intocado. Assim, eles devem ser trabalhados sempre a partir de articulações e cruzamentos, não devendo ser isolados da história e separados uns dos outros.

Os arquivos são apenas representações do passado, ou seja, fragmentações de um todo irrecuperável. A biblioteca de Borges, por exemplo, entendida aqui como metáfora de todos os conhecimentos, de todos os arquivos, é toda fragmentada e sua unidade só surge como utopia. Ela comporta arquivos inseridos em arquivos inseridos em arquivos e assim sucessivamente, o arquivo principal – a origem – que levaria a todos os outros jamais é encontrado. O livro origem despertou um grande desejo entre os homens, pois seria a chave para todos os demais:

Sabemos, igualmente, de outra superstição daquele tempo: a do Homem do livro. Nalguma estante de algum hexágono (raciocinaram os homens) deve existir um livro que seja a cifra e o compêndio perfeito *de todos os demais*; algum bibliotecário o consultou e é análogo a um deus. Na linguagem dessa zona persistem ainda vestígios do culto desse funcionário remoto. Muitos peregrinaram em busca d'Ele. Durante um século trilharam em vão os mais diversos rumos. Como localizar o venerado hexágono secreto que o hospedava? Alguém propôs um método regressivo: Para localizar o livro A, consultar previamente um livro B, que indique o lugar de

A; para localizar o livro B, consultar previamente um livro C, e assim até o infinito... Em aventuras dessas, prodigalizei e consumi meus anos. (BORGES, 1970, p. 67)

Borges mostra que o leitor dessa biblioteca-universo, ao acessar um dos livros, desencadeia uma rede infinita de conexões discursivas, pois nenhum livro, nenhum arquivo pode ser isolado do mundo. O ficcionista apresenta dois princípios fundamentais que nos interessa para pensar o conceito de arquivo: a biblioteca é total e infinita e cada exemplar é único. Assim, pensar uma articulação entre a parte e o todo reforça a idéia de que os arquivos são indissociáveis da história, de modo que ao arquivista não interessa seu momento de criação, mas sua repercussão ao longo do tempo.

2. O intelectual na biblioteca

Borges configura um leitor incansável que empenhou uma vida toda na busca pelo saber, fascinado pelas vielas do labirinto, se deixou envolver pela rede textual que foi se formando ao seu redor e consumindo seus dias: “Em aventuras dessas, prodigalizei e consumi meus anos.” (BORGES, 1970, p. 67). Esse homem, embora soubesse da grandiosidade da Biblioteca, expressou um desejo de dominá-la e decifrá-la, manteve a esperança de encontrar um catálogo dos catálogos que lhe pudesse revelar aquilo jamais experimentado por nenhum outro homem. Sua atividade de leitura somente cessa com a sua cegueira, resultante de uma doença que foi lhe consumindo aos poucos a visão. Acontecimento bastante simbólico na vida de Borges, que sempre se afirmou como um leitor voraz e elegeu a biblioteca como seu maior foco de observação do mundo.

Como todos os homens da Biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei em busca de um livro, talvez o catálogo dos catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer a poucas léguas do hexágono em que nasci. Morto, mãos piedosas não faltarão que me tirem pela varanda afora; minha sepultura será o ar insondável: meu corpo se fundirá dilatadamente e se corromperá e dissolverá no vento originado pela queda, que é infinita. Afirmando que a Biblioteca é interminável. (BORGES, 1970, p. 62)

Um grande paradoxo surge da relação entre esse intelectual e a Biblioteca. Se, por um lado, a Biblioteca simboliza um espaço infinito, interminável, por outro, o seu leitor está encerrado em uma existência finita. Desse modo, o leitor expressa um sentimento de fraqueza, de insuficiência, como se toda uma vida de intensas buscas não bastasse para conhecer tudo o que se deseja, experimentar, ainda que pela ficção, coisas impensáveis. Essa ansiedade é

expressa ao final do conto: “Talvez a velhice e o medo enganem-me, mas suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se e que a Biblioteca permanecerá: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta.” (BORGES, 1970, p. 69)

Como usuário dessa biblioteca, sua formação intelectual está atrelada à trajetória de um leitor exemplar, um leitor especializado que nunca se ateu à superfície dos textos, mas, como um caçador de tesouros, escavou até as camadas mais profundas, consciente de que “alguma prateleira nalgum hexágono encerrava livros preciosos e de que esses livros preciosos eram inacessíveis” (BORGES, 1970, p. 66).

Borges pode ser visto como o grande ícone do autodidatismo, característica marcante dos escritores latino-americanos, cuja formação literária esboça um constante exercício de buscas pessoais estimuladas por um desejo, uma pulsão e uma curiosidade incontroláveis. Esse intelectual afirma ter como foco de observação o mundo, usando a biblioteca como um infinito caleidoscópio, a partir da qual tudo pode ser visto, experimentado e transformado pela ficção, de modo que a leitura desse caleidoscópio, representado pela Biblioteca borgeana, pode conduzir a viagens por paisagens reais e imaginadas. O argentino alude à imagem do caleidoscópio em muitos de seus trabalhos como uma grande janela de acesso ao mundo, um acesso pelo viés da imaginação e do simulacro. Sua formação especular permite a disseminação em infinitas e surpreendentes imagens, que se desdobram a cada nova leitura. Borges fala em seu conto sobre a presença dos espelhos na Biblioteca, que, em sua leitura, prometeriam o infinito: “No saguão há um espelho, que *duplica as aparências fielmente*. Os homens costumam inferir desse espelho que a Biblioteca não é infinita (se o fosse realmente, para que essa duplicação ilusória?); prefiro imaginar que as superfícies polidas representam e *prometem o infinito...*” (BORGES, 1970, p. 62, grifo nosso)

Os próprios contos borgeanos podem ser lidos como pequenos caleidoscópios, como pequenos pontos de observação que se abrem pelo exercício da imaginação ao infinito. Seus contos constituem miniaturas, imagem recorrente na ficção borgeana, diante da grandiosa Biblioteca, porém, uma miniatura que se expande no contato com a rede. A escolha pelos contos não se dá de forma fortuita, mas apresenta uma escolha consciente por representações que se aproximam mais dos sonhos, da imaginação, que cruzam as barreiras do inverossímil, do *nonsense*, as quais multiplicam as possibilidades semânticas dos seus textos.

O escritor argentino dedicou muitos de seus contos do livro *Ficções*, dentre os quais destacamos exemplo *Pierre Menard, autor do Quixote*, *Funes, o memorioso*, *A morte e a bússola*, para criar ficcionalmente a imagem do leitor perfeito, que seria aquele que lê mal,

que distorce, que usa os textos em seu benefício, que questiona, que trai. Esse leitor posiciona-se de forma crítica, irreverente e criativa diante da escrita do outro, assumindo seu vínculo com toda a tradição ocidental, como observamos nas palavras de Borges no ensaio *O Escritor argentino e a tradição*: “Creio que nossa tradição é toda a cultura ocidental, e creio também que temos direito a essa tradição” (BORGES, 1999, p. 294)

Borges representa o intelectual que fala a partir de uma tradição cultural extremamente abrangente e diversificada, posição diferenciada que emerge de uma formação de grandes leitores e viajantes e de uma história de confrontos e trocas culturais. Historicamente, a tradição latino-americana tem testemunhado contato constante entre tradições culturais distintas, de modo a exibir uma formação cultural compósita que nos impele a um movimento de buscas e descobertas. Para tanto, a fala do escritor argentino Jorge Luis Borges, no ensaio acima referendado, é bastante sintomática a essa discussão quando afirma:

Por isso repito que não devemos temer e que devemos pensar que *nosso patrimônio é o universo*; experimentar todos os temas, e não nos limitarmos ao argentino para sermos argentinos: pois ou ser argentino é uma fatalidade, e nesse caso o seremos de qualquer modo, ou ser argentino é mera afetação, uma máscara. (BORGES, 1999, p. 295-6, grifo nosso)

Borges apresenta em seu discurso um posicionamento bastante irreverente e maduro intelectualmente, ele manipula a tradição européia, transformando temas universais de forma irresistivelmente particular. Para o escritor, a tradição argentina não precisa estar vinculada a temas locais para marcar sua originalidade, o novo está na forma como seus escritores manipulam sua *Biblioteca*. Nesse sentido, a literatura pode ser pensada como um exercício de releitura, como se os mesmos textos circulassem perpetuamente. No sistema literário, é comum o diálogo entre escritores, no sentido de que nenhum escritor falaria sozinho, mas estaria apoiado em outras vozes. Nesse jogo textual, parece que todos os escritores estão interligados, mesmo aqueles que sequer se conheceram apresentam vínculos teóricos e literários e fornecem novos campos de estudo para a crítica comparatista.

Em *A biblioteca de Babel*, detectou-se que todos os livros possuíam elementos em comum, mas que nenhum desses livros seria idêntico. Metaforicamente, Borges referenda a questão que estamos propondo de que a tradição literária inevitavelmente é sempre babélica, ou seja, os textos e seus autores, ainda que de línguas e tradições diferentes, estão sempre em relação, seja por meio de diálogos de confrontação ou de entendimento. Além disso, cada livro preserva seu traço original, ou seja, em meio a essa massa caótica de textos, cada escritor negocia seu próprio espaço e transforma seu trabalho em algo singular.

Esses exemplos permitiram que um bibliotecário de gênio descobrisse a lei fundamental da Biblioteca. Este pensador observou que todos os livros, por diversos que sejam, possuem elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto. Também alegou um fato que todos os viajantes confirmaram: *Não há, na vasta biblioteca, dois livros idênticos.* (BORGES, 1970, p. 65)

A vastidão da Biblioteca causa uma forte angústia entre esses escritores-leitores, que sentem como se tudo já tivesse sido escrito, como se a Biblioteca já tivesse previsto todas as combinações possíveis, como vemos na seguinte passagem do conto: “A escritura metódica distrai-me da presente condição dos homens. A certeza de que tudo está escrito nos anula ou nos fantasmagoriza.” (BORGES, 1970, p. 69). Ao lado da certeza de que “Falar é incorrer em tautologias” (BORGES, 1970, p. 69), ressoa um grande desejo em ser original, em encontrar caminhos imprevistos, em combinar signos desconhecidos pela Biblioteca. Portanto, poderíamos resumir essa angústia na forma do seguinte questionamento: Como inovar diante de um sistema em que tudo já foi pensado e experimentado?

Essa ansiedade acompanha um processo de especialização cada vez maior dos nossos intelectuais, que domina diversos idiomas para ler e conhecer o maior número possível de escritores e tradições literárias. Assim como Borges, esses leitores agem compulsivamente, lendo e construindo sua biblioteca particular, que cresce desmesuradamente. Nesse sentido, torna-se complicado pensar em conceitos como tradição e memória para esses intelectuais, os quais remontam a origens diversas. Como resultado, esses conceitos surgem como problemas para a América Latina, trazendo sérias reflexões sobre sua formação cultural que, embora seja ocupada por prateleiras abarrotadas, denuncia uma história de interrupções e recalques.

O intelectual latino-americano apresenta um enorme desejo de memória, de modo que tem apresentado trabalhos diversos que versam sobre o tema, todos referendando de forma especial os vazios e as perdas dessa memória. Toda a voracidade pela leitura, pelo conhecimento universal expressa um sentimento de esvaziamento e violação de sua memória. As culturas latino-americanas jamais poderiam ser consideradas vazias, mas o processo histórico de intervenção cultural deixou inegáveis cicatrizes na memória desses povos. Assim, os arquivos configuram para essas culturas uma possibilidade não de afirmação do passado, mas de questionamento do próprio presente, atitude que pode desencadear uma reação destruidora do próprio arquivo.

Nesse contexto, o conceito de arquivo ganha relevância, pois, conforme nos lembra Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* a pulsão do arquivo envolve simultaneamente uma pulsão de destruição e uma pulsão de conservação. (DERRIDA, 2001, p. 32). A pulsão do arquivo acompanha um movimento de violência, de agressão, um mal que

ameaça o próprio arquivo, que oscila entre as fronteiras da memória e do esquecimento, do desejo de memória e de morte. O arquivo está constantemente ameaçado pela pulsão da morte, que exsurge como um fantasma, como um rastro no registro da memória, impedindo-a de existir em sua plenitude, como uma inscrição oculta sob a pele que reserva aos estratos mais profundos arquivos desconhecidos e enigmáticos. A parte exterior oculta diversificados sedimentos de arquivos “superpostos, superimpressos e envelopados uns nos outros.” (DERRIDA, 2001, p. 35), que, quando revelados, causam conflito e desarmonia ao arquivo. Essa leitura arqueológica traz à tona as feridas, os traumas, os restos que o tempo tentou apagar, no entanto, como uma inscrição palimpséstica, o exterior, a impressão visível, jamais consegue eliminar a presença de outros registros, que surgem de forma fantasmagórica.

A estratificação folheada, a superimpressão pelicular destas marcas cutâneas parecem desafiar a análise. Acumula muitos arquivos sedimentados, alguns dos quais são escritos diretamente na epiderme de um corpo próprio; outros sobre o suporte de um corpo “exterior”. Sob cada folha, abrem-se os lábios de uma ferida para deixar entrever a possibilidade abissal de uma outra profundidade prometida à escavação arqueológica. (DERRIDA, 2001, p. 33)

Portanto, a pulsão da morte “ameaça de fato todo principado, todo primado arcôntico, todo desejo de arquivo. É a isto que mais tarde chamaremos de *mal de arquivo*” (DERRIDA, 2001, p. 23). Esse mal torna o arquivo sempre fragmentado, incompleto, desmemoriado, mas, independente de sua ação destruidora, desperta um desejo e uma pulsão incontáveis no arquivista, que passa a buscar o arquivo onde ele se esconde, expressando um verdadeiro fascínio pelo secreto e espectral. Nesse sentido, poderíamos denominar a performance do arquivista como a de um “arquivólogo”.

Nesse movimento da “arquivologia”, a história das margens vem ganhando espaço, descentrando os arquivos oficiais e o próprio conceito de arquivo como categoria homogênea e total. O mal de arquivo retirou seu foco do saber enciclopédico, do canônico, do oficializado e passou a pensá-lo a partir de suas arestas.

3. Das arestas do arquivo

Os grupos dominantes sempre estiverem à frente da historiografia, fazendo remendos, rasuras e borrões que transformaram o discurso histórico em um registro ideologicamente dominante. Nele, privilegiaram-se os momentos gloriosos com seus heróis, conquistas e monumentos, e o saber ilustrado dos livros e das academias. Essas negligências da história

são denominadas por Foucault de “saberes sujeitados”, que, em suas palavras, seriam assim definidos:

E, por “saber sujeitado”, entendo duas coisas. De uma parte, quero designar, em suma, conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou sistematizações formais. (...) Por “saberes sujeitados”, eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível de conhecimento ou da cientificidade requeridos. (FOUCAULT, 1999, p. 11-12)

Esses “saberes sujeitados” não são exteriores ao conceito de arquivo, conforme nos lembra Derrida, eles próprios constituem-se como arquivos – arquivos recalcados, diferentemente reunidos e estocados, não para serem lembrados obviamente, mas esquecidos. Lembremos que arquivamos não somente para manter viva certa lembrança, mas também para esquecermos. Nesse sentido, o mal de arquivo emerge de dentro do próprio arquivo, dos seus porões, de suas entradas secretas, de seus esconderijos, assim, por mais que se tente esconder, há uma voz que fantasmagoriza *dentro* do arquivo e *contra* o arquivo.

Foucault nos lembra da importância de uma abordagem genealógica e arqueológica para desenvolver reflexões críticas e teóricas sobre a relação discurso e poder, para pensar uma possível descentralização dos saberes. O teórico fornece as seguintes definições para arqueologia e genealogia:

Chamemos, se quiserem, de “genealogia” o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais. (FOUCAULT, 1999, p. 13)
Eu diria em duas palavras o seguinte: a arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais, e a genealogia, a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais assim descritas, os saberes dessujeitados que daí se desprendem. Isso para reconstituir o projeto de conjunto. (FOUCAULT, 1999, p. 16)

O teórico destaca o exercício genealógico como uma “tática de intervenção”, o que nos permite associar a genealogia a um trabalho mais efetivo e mais pragmático, um trabalho que poderia gerar mudanças sensíveis na sistematização dos saberes. As genealogias seriam apresentadas, portanto, como “anticiências”, no sentido de que provocariam deslocamentos no *status* do discurso científico, empregado ainda hoje como sinônimo de verdade e poder. Desse modo, a genealogia não nega o saber científico e não investe na inversão do cânone, mas questiona sua atuação como discurso de poder, e, propõe, por sua vez, uma relação mediadora entre as distintas formas de saber e a conseqüente formação de uma rede heterogênea de discursos. Foucault descreve a genealogia como:

Trata-se da insurreição dos saber. Não tanto contra os conteúdos, os métodos ou os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento do discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. (...) É exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar o combate. (FOUCAULT, 1999, p. 14)

A insurreição dos saberes engendra a transformação dos saberes sujeitados em dessujeitados, ou seja, requer o reconhecimento de sua voz na formação da discursividade, recuperando sua posição de sujeitos de sua própria história. O discurso científico excluiu toda uma formação de saberes não oficiais, de saberes alternativos e populares, de modo que, em prol de um traço de universalidade, subjuga e condena todos os outros tipos de conhecimentos, denominados por Foucault como “saber das pessoas”, ou seja, “um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial” (FOUCAULT, 1999, p. 12).

A genealogia estimula a criação e o reconhecimento de novos espaços discursivos, os quais introduziriam novas modalidades ao sistema eurocêntrico fundamentado nos princípios de universalização e totalidade. As novas abordagens descentralizam o poder discursivo ao introduzir o discurso da diferença, que fere os antigos paradigmas ocidentais que se impuseram através de séculos de dominação. Desde as últimas décadas do século XX, o discurso latino-americano vem conquistando maior representatividade no cenário internacional, expondo trabalhos de produção científica e cultural que renovaram a rede de teorização e representação européias. Muitos intelectuais latino-americanos têm adentrado nas grandes universidades da Europa e dos Estados Unidos, produzindo e publicando em línguas hegemônicas, como inglês, francês e alemão. Nesse processo, observa-se, portanto, um novo trânsito de idéias, fala-se sobre a periferia dentro do centro e fala-se contra o discurso hegemônico.

Borges pode ser lido como um dos fundadores da discursividade latino-americana. Sua performance intelectual exhibe trabalhos que desafiam as produções críticas e literárias do cânone ocidental, inserindo nos contextos culturais hegemônicos a inconfundível marca do estilo borgeano. Embora Borges tenha sido bastante criticado por não trabalhar o regional, conforme ele mesmo debate em seu ensaio anteriormente contemplado *O escritor argentino e a tradição*, sua obra apresenta um trabalho fundamental para o processo de deslocamento do discurso etnocêntrico. Borges, leitor assumido da cultura ocidental, das tradições canônicas, deixa através de seus textos ficcionais um exemplo de como trabalhar com o cânone por meio de uma leitura não canônica.

Não consideramos que exista problema algum em se ler e dialogar com o cânone, a questão seria a forma como um escritor ou um crítico trabalha com esses textos. Já destacamos anteriormente a forma irreverente de Borges, e é ela que dá o tom original ao trabalho de Borges, discutindo e ao mesmo tempo reinventando a tradição canônica. Sua leitura não subordinada e não contemplativa exemplifica a marca da irreverência do intelectual latino-americano, que se considera herdeiro de uma tradição universal, mas imprime sempre um olhar inquiridor.

Além disso, esse intelectual tem trabalhado não exclusivamente com as superfícies textuais dessa tradição universal, mas resgata também os indivíduos e os acontecimentos esquecidos e negligenciados pela História. Ele vai além dos registros oficiais, transgredir seus arquivos. Não há ética para esse arquivista, como arqueólogo ele atinge as camadas mais profundas que a História tentou ocultar e como mente criadora ele interfere e transforma os vazios e resíduos em discurso.

ABSTRACT: This article uses the short-story *A biblioteca de Babel*, by Jorge Luis Borges, to develop a reflection about the concept of archive, in order to take the library as metaphor of the Latin American intellectual, who builds by reading a large textual net of dialogs among diverse authors and traditions. This reading thinks the archive as a category always incomplete, fragmented, open and in relation, highlighting the tensions between memory and forgetfulness, visibility and invisibility, conservation and destruction.

Keywords: Archive; Library; Latin American intellectual.

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Trad. Carlos Nejar. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. p. 61-70.

_____. O Escritor argentino e a tradição. **Obras Completas. Vol. 1**. Rio: Globo, 2000. p. 288-298.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Cláudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. O *a priori* histórico e o arquivo. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2004. p. 145-151.

_____. Aula de 7 de janeiro de 1976. **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999. p. 3-26.